

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

FUNDADA POR VALENTIM MAGALHÃES

ANNO IV

RIO DE JANEIRO, 10 DE MARÇO DE 1888
DIRECTOR—L. CABRAL

VOL. IV—N. 164

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

REDACTORES

Drs. Franklin Tavora, Augusto de Lima,
Urbano Duarte,
Lepoldo Cabral e Candido Jucá

GERENTE

Ismael Marinho Falcão

SUMMARIO

Expédiente.....	
Historia dos sete dias.....	Gêdo
As lagrimas do regalo, poesia.....	Augusto de Lima V. Magalhães
Lucio de Mendonça.....	
Fallando ao coração, so- neto.....	Alberto de Oliveira Coelho Netto
A sombra das arvores.....	Raymundo Corrêa
A juventude, soneto.....	Domicio da Gama
Fibra morta.....	Otavo Bilac
Da Via-lactea, soneto.....	Lahore
O banho.....	
Questões de esthetica, so- neto.....	M. e Albuquerque Candido Jucá
Questões de estylo.....	Vera de Sucoú
Tua voz, soneto.....	Virgilio Varzea
A travessia.....	Peázeira Franco
Depois de partir, soneto.....	Emanuel Karnero
La terre de Zola.....	Ricardo Barboza
Fragmento, poesia.....	Lafayette de Toledo
Poetas mineiros.....	Myllius
Tratos á bola.....	Ignês Maia
A uma folha, soneto.....	
Theatros e diversões.....	
Factos e noticias.....	
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CORTE E NICTHEROY

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

A empresa roga encarecidamente aos Srs. assignantes em atraso a fizeza de satisfazerem os seus debitos para evitar interrupção na remessa da folha.

O pagamento de assignaturas pôde ser feito por intermedio das agencias do correio.

São agentes litterarios da *Semana* os Srs.:

Dr. Virgilio Brigido e J. J. de Oliveira & C., no Ceará.

J. Verissimo de Mattos, nas cidades de Manaus e Belem.

Dr. José Izidoro Martins Junior, na cidade do Recife;

Max Fleiuss e Octavio Mendes, na cidade de S. Paulo.

Virgilio Varzea, na cidade do Deserto.

F. Xavier Marques, na cidade da Bahia.

BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:

— *Symphonias*, versos de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Poemas e Idyllios*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adalina A. Lopes Vieira.

— *Mariposas* de J. Moraes Silva.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:

— *Pampanos*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza

HISTORIA DOS SETE DIAS

Vou inverter a ordem da semana, como os senhores deputados costumam inverter a ordem do dia, e começar esta chronica justamente por onde devia terminal-a. E', entretanto, tão notavel o ultimo acontecimento destes sete dias, de tal entusiasmo encheu elle a todos os fluminenses, que eu não posso deixar de fazer isso e de, com toda a satisfação, repetir uma, dez, mil vezes: «cahiu o ministerio.»

Já era tempo que o Sr. Cotegipe se despegasse do governo, ao qual se havia agarrado com a energia de uma ostra. Que elle, Cotegipe, é uma ostra verdadeira, prova-o o facto de ter abandonado o logar ao qual se havia prendido unicamente por meio do fogo.

Tristes ultimos dias de vida teve o fallecido ministerio! Ha muito que elle ia aos poucos se liquidando; desde longos dias que era voz unanime que elle não podia continuar a existir, mas, tropego, vacillante, cahé aqui, levanta acolá, ia-se mantendo, a des-

peito da geral opinião de que não podia continuar á testa do governo, um ministro desprestigiado como o Barão de Cotegipe.

Nunca vi, em minha vida, tanto entusiasmo e tanta alegria pela queda de um homem, como no dia 7 pelo trambolhão que levou o Cotegipe.

Este pobre Barão é na verdade um homem caipora na ausencia do Imperador. Já de uma vez houve aqui contra elle uma sublevação da opinião publica e elle, ainda que tentando equilibrar-se na corda bamba do poder graças á maromba do seu rijo e duro caracter, vio-se forçado a pular sem querer, pelo safanão que lhe deu a mão mascula e imperial de D. Pedro II.

Hoje são os militares que alçam a voz contra o govêrno, que o Barão dirige, e, como da primeira vez elle cae, mas desta vez, acredito, para nunca mais levantar-se.

O governo impopularissimo 20 de Agosto convenceu-se de que o povo, e exclusivamente o povo, é que sabe quass os individuos capazes de tomarem a alta direcção dos negocios publicos, e retirou-se cabisbaixo e grunhindo, porque o povo fluminense ergueu-se impetuoso e cheio de indignação brandando que elle lhe roubava as garantias e lhe estorquia os direitos.

Desce o Sr. Cotegipe o sobe o Sr. João Alfredo de degraus do poder. Ha em S. Ex. muita confiança quanto á nova direcção que com certeza dará ás nossas cousas publicas. O illustre pernambucano é ainda hoje, necessariamente, o mesmo homem que era em 1873, por occasião da questão religiosa, e a instrução publica conta que S. Ex. seja tambem o mesmo que n'esse tempo tanto por ella se esforçou.

O povo fluminense, ou antes o povo brasileiro, conta com S. Ex., como um dos mais distinctos patriotas e notaveis estadistas, que possuímos, para levar ávante muitos melhoramentos de que carece o nosso paiz.

Já o notavel pernabumcano começa a mostrar quem é, pelo facto de fazer-se acompanhar, no ministerio que vai organizar, de pessoas capazes de gerirem conscienciosamente as pastas de que se vão encarregar.

Entre outros nomes são apontados os dos senadores Vieira da Silva, Antonio Prado e Taunay.

Não podia, effectivamente, o Sr. João Alfredo dispensar o concurso dos tres illustres senadores que, incontestavelmente occupam, entre os estadistas deste paiz, logar salientissimo pelas suas luzes e talentos. O Sr. Taunay e Antonio Prado, principalmente, pela parte activa que tem tomado, como senadores, na questão do abolicionismo, são figuras obrigadas de qualquer ministerio que se constituir. O paiz in-

teiro conta com elles, e todo o paiz applaude o Sr. João Alfredo pelo facto de os convidar para seus companheiros no ministerio.

S. Alteza a Regente concedeo sem a menor vacillação, o pedido de exoneração que lhe fez o ex-presidente do conselho. Este, com certeza suppunha que a princeza pedisse, instasse, rogasse para que elle não largasse a pasta, mas enganou-se. Foi-lhe satisfeito o pedido com tanta facilidade que a gente, sem ser precisa mesmo grande perspicacia, está vendo que a excelsa regente por essa occasião, dizia intimamente, como nós outros costumamos dizer a certos typos que nos flagellam a paciência: A inais tempo...

Lá se foi o heroe de todos estes acontecimentos: o alferes Baptista. Conforme os jornaes, partio elle uma destas madrugadas para S. Paulo, onde pensa resguardar a pelle das iminentes escovações em que a-via por aqui.

Não se fie, porém, o alferes, que São Paulo o possa livrar da escovadella a que fez jus pelos actos de bravura praticados quando commandante da 5ª estação policial. E quem duvidar, ha dever.

O chefe de policia acompanha o ministerio do qual era um dos mais dedicados servidores.

Pessoas conheço eu que se rejubilam com a sua sahida e que, para festejal-a, preparam já as munições necessarias para a peleja do entrudo vindouro.

O Sr. desembargador Tosta, será como o Sr. Coelho, inimigo das bisnagas e das seringas? Desejo que o seja, mas espero tambem que não seja a sna unica preocupação como foi a do ex-chefe, acabar com ellas, e esquecer-se de tudo mais.

A imprensa toda é unanime em saudar o novo organisador do ministerio, como foi unanime em accusar o que cabio, ante os ultimos acontecimentos. Nós mesmos, que não somos absolutamente partidarios politicos, pomonos inteiramente ao dispor do conselheiro João Alfredo.

Si houver difficuldade em obter gente boa, nesta redacção encontrará S. Ex. rapazes intelligentes, activos e patriotas, que, para serem agradaveis a S. Ex. não se recusarão a tomar conta de alguma pasta sem dono.

O illustre presidente do conselho, merecs-nos, porem, tal sympathia, que faremos por elle esse sacrificio.

GEVE

AS LAGRIMAS DO REGATO

A ALBERTO DE OLIVEIRA

Na abobada sem sol da região dos fosseis,
o regato calcareo, os seus meandros doces,
desenhn pelo vario e tortuoso gyro.
O feldepatho irisado, o severo porphyro
e os blocos colossaes do esculptural basalto,
bnnha, circunda e enflora, e vae de salto em salto,
e vae do curva em curva o barathro descendo,
do arboreo crystal fluido os fios estendendo...
Um delles atravessa a gorja petrea e ossuda
do elephante primévo, outro em lago se muda:
este vae esmaltar os veios de pyerite,
aquele em gotas cae da dura stalactite,
como o leite que flue de oxiuberante poma,
este outro de um repucho a esparsa fórma toma.
Mas todos vão descendo em impeto fremente,
porque descer é sempre a sorte da corrente.

É o regato viajar no abysmo solitario,
depois de completar na terra seu fadario,
lembra-se com saudades, o misero e mesquinho!
do tempo em que tocava a roda de um moíinho:
em que ouvia de tarde as amorosas queixas,
dos salgueiras banhando as luridas madeixas
e do sol reflectindo o disco luminoso.
Quem lhe dá voltar a esse viver ditoso?
É no silencio, então, das lagrimas supremas,
vae-so crystallizando em perolas e gemmas...

AUGUSTO DE LIMA

LUCIO DE MENDONÇA

Faz hoje annos.

— Quantos?

Oh! leitora, que indiscipção!

Não sabe V. E. que os poetas são
como as mulheres? — não têm o direito
de ter ednde?! A um poeta, como a
uma senhora, nunca se pergunta
« quantos annos faz » Já não é pouco
saber se que elles, como qualquer
mortal, estão, sujeitos tambem á con-
tingencia triste, a ridicula contingencia
de fazer annos.

Basta que eu garanta, e commigo
quantos têm a fortuna de conhecer do
perto o cantor das *Alboradas*, que elle
ainda é moço bastante para adorar a
Luz, a Força, o Movimento, a Vida;
para servir á Liberdade e amar o Amor.

Coincidindo o seu anniversario com
a sahida d' *A Semana*, quiz vir dar-lhe
nestas columnas os meus parabens e o
meu abraço, enviando-lh'os d' este posto
de luta, que elle tanto illustrou com ns
fulgurações de sua penna de ouro, que
é uma espada de general, para a cidade
de Valença, onde tinha residencia, e
que abandonará muito brevemente
para vir fixar-se na Corte.

Eu sou velho admirador do Lucio;
admiro-o ha mais tempo do que o amo
— em que não impidio que viesse a
amal-o tanto quanto o admiro.

Quando eu entrava na Academia de
S. Paulo sahia elle. Fui encontrá-lo
como nu metéoro a terminar a sua
trajectoria declumbrante, ou como o

sol polar despedindo-se dos horizontes
brancos e frios para não voltar tão cedo.
Ahi conhecemo-nos ligeiramente. Lu-
cio mal poude attentar no caloroso biso-
nho e lyrico, temeroso de vaias e
rimador de asneiras. Somentc tres
anos depois creio eu, nos vimos e
nos ligamos por uma estima franca e
duradoura.

Fundando *A Semana*, vali-me d'ella.
Lucio correspondeu gentilissimamente
dando a minha folha toda a influencia
do seu prestigio, materializada em
muitas assignaturas, e toda a pro-
tecção de sua penna, traduzida em
assidua e preciosa collaboração.

Mas não são apenas esses os titulos
d' elle a minha gratidão e á minha
amizade. Modesto sem biocos, simplee
sem pose, singelo de alma como de
modos, o Lucio lendo isto vae dar o
cavaco e, na primeira oportunidade,
saltar a desmentir-me energicamente,
com a energin que sobre imprimir a
todos os seus actos publicos. Deixal-o.
Não o creiam. A verdade fui eu que
a disse.

Dentro em poucos mezes teremos
d' elle um livro — *Esboços e perfis*. — um
livro de mestre. Affirmo porque o
conheço todo.

Caso hoje a minha alegria pelo seu
anniversario com o que mo dá o pro-
ximo apparecimento de seu livro, para,
felicitando-o dobradamente, dar-lhe um
abraço estreito e longo, profundo, um
abraço de quebrar ossos.

10-3-83.

VALENTIM MACALHÃES

Fallando ao coração

Foi pelas tardes ultimas, queimadas
Do calor de Janeiro, que a pediste;
E ella não vinha, e estavas mudo e triste,
E choravas, olhando estas estradas.

Depois, nas nuvens longe accumuladas,
Que interrogavas, a visão sentiste,
E uma se abria e a divindade viste...
Já lá vão tautas lagrimas passadas!

Hoje, alegre-te emfim! teu doloroso,
Teu vago sonho um termo tem / Da altura
Eil-o, chega seu carro esplendoroso!

Tiram-n'a, em meio a um resplendor de a-
tura,
Os minutos que, sendo os da Ventura,
Galopam, voam pelo tempo afora.

ALBERTO DE OLIVEIRA

A SOMBRA DAS ARVORES

A PROPOSITO DAS « CONTEMPORANEAS »

No domingo, pela manhãzinha, sa-
himos os dois — eu e a...

Elle modesta e simplee, com um
grande chapéu de palha, cercado de vio-
letas, vestidinho de cassa e um sacco
para apañar borboletas — eu de brim
pardo, um feltro claro enterrado na
cabeça, espiagarda atirada a tiracollo
o a mereuda em umn cesta pequena.

Juntos, como dois noivos, garrulndo,
tomamos o trem que nos havia de con-
duzir ao campo.

Chegamos ao mntto justamente quan-
do o sol levantava o seu disco acima
dos cabeços verdes dos montes nu-
blados.

Matta a dentro entramos trauteando
alegres.

Não havia um passaro vadio — d'aqui
e d'alli saltavam rólas, d'nqui e d'ailli
fugiam negros sibiás medrosos.

Proparei a arma e começamos a subir
uma especie de collina, tapisada de
verde gaio, um verde doirado que scin-
tillava ao sol.

Elle sorria para mim, corada como
uma rosa aberta pelo bafejo beneficio
da brisa purissima do campo.

Eu, sacudido pelo desejo de matar,
olhava as ramas, prestava ouvido aos
carnes lyricos da passarinhada, advi-
nhava nas montas, bandos e bandos de
nambús e vagaroso, evitando as folhas,
com a arma baixa, ia, arrolando os
cipós, espreitar a vida dos emplumatos
no silencio, interromper os madrigaes
sagrados dos pequeninos passaros, en-
tre as mimosas delicadas.

Porem ella, alegre, alguma cousa de
nymphia, por ver-se com as arvores
tranquillas, entre montões rescondentes
cantava.

Cantava e batia com o saquinho de
tarlatana nas folhas, espantando os pas-
sarinhos que pulavam á beira do cam-
inho.

Pedi, implorei e a cada um dos meus
pedidos ella respondia com um beijo
alegre e eu me deixava vencer, humi-
lhado pelo frescor da sua bocca rubina
e cheirosa pondo na minha bocca um
pouco de harmonia e um pouco de
perfume.

E por mais que eu fizesse pontaria,
por mais que eu namorasse as ramas
não conseguí trazer sequer, na minha
bolsa de caça, uma saltyra bem que
voassem aos centos, de ponto em ponto
chilrando.

Deitêi-me, para fumar, sob uma ar-
vore copada o olnn, sentou-se a meu
lado, na relva verde e cheirosa.

Sentou-se e delicadamente tirou de
um pequenino embrulho o volume das
Contemporaneas, que encontrara sobre a
minha meza, em casa.

Tirou e offerocen-m'o para que eu
lesse os versos do poeta alli, n'aquelle
ediculo mysterioso da natureza, para
nós dois e mais para as flores e para os
passarinhos.

Foi n'essa manhã do caça, entre o
amor e as nrvores, meu Augusto, que
eu sorvi todo o elixir com quo tem-
peraste os versos do teu livro.

Foi n'essa manhã radiosa e lyrica que
as nossas duae almas se fizeram intimas.

Li todo o teu livro, e estou certo de
que a tua poesia é sã, verdadeira, pura
e delicada porque durante toda a lei-
tura a minha doida companheira, nem
uma vez, nem uma só vez cantou para
interromper-me.

Ouvii da primeira á ultima pagina
tranquillamente, sem importar-se com
o sussurro das folhas nem com os vóos
rasteiros dos passarinhos tontos.

Desfolhaste nas *Contemporaneas* toda
tua alma de poeta, toda a tua alma
que tem a delicadeza do lyrio e a
bravura indomada do leão. Sentou-se um
bem estar agradável na companhia
d'essa logião de quadros e de rimas.

A gente goza, a gente vive, a gente
soffre.

Umae vezes a tua poesia e singela —
musica de avencacampesina lembra as
pastoraes da Hellade, le bra as canções
germanicas do Uiland, o delicioso.
Assim n'as *Lagrimas do Regato* ha como
quo afusão da bella lyrica pastoril de
Theocrito com as harmonias altas da
lyra sonorousa de Virgiljo. Anda nas
aguas da correnteza a melodia; a pay-
sagem alegre, ouve-se o marulho da
lymphia e na brancura albescente das
espumas advinha-se a lagrima imper-
ceptível do regato, eaudoso do tempo
feliz em que, de grotta em grotta, cahindo
aos cachões — « tocava a roda do um
moinho » ouvindo as queixas dos sal-
gueiraes calidos.

O mimo da concepção toma um alto
relevo artistico encaixado magistral-
mente na moldura de forma que con-
seguiste lavar com a tua finura, com
o teu gosto requintado, com a tua de-
licadeza de oriental trabalhando em
marfim ou ambar.

A Flor Carnívora é outra poesia de
genero igual á primeira — mais simplee,
porem conservando a mesma qualidade
a mesma coloração, o mesmo agradável
sabor e perfume.

A tua feição característica, a tua
corda predilecta é que a vibra pela
Idéa Nova.

O teu canto é profundamente guer-
reiro — ha, no fundo d'aquelle templo
de delicadas, soldados armados, hoe-
tee em pé de guerra, theoriae serenas
de fundibularios.

O teu instrumento mimoso assume
taes proporções fortes de tom que a
gente julga, a ouvil-o, estar em frente

de um esquadrão formidável, entre o retintim das lanças e a algazarra das fanfarras estridentes.

A tua musa é Pallas, Pallas a forte deusa, Pallas a victoriosa.

Uma ou outra vez, atravessa o teu livro, uma lyrica ingenua e mimosa como também ás vezes, passa por diante de nós cantando, em plena cidade, um desses innocentes aertanejos cuja ventura consiste em ver o campo em flor e o ceu semeado de estrellas, o casal alegre e a capellinha de Jesus accesa.

De quando em vez nas armaduras dos teus guerreiros pendurás uma flor das balsas, singela e pequenina como nma violeta.

Digo te agradecido pelo bem que me fizeste e aos passaros, passei uma manhã deliciosa—eu e a minha companheira.

E por ultimo, quando depois de lido todo o livro, levantei-me para atirar a uma rôla ella, a minha formosa tomou-me pelo braço e riado recitou-me esta quadrinha do teu livro:

Olha essa plumagem linda
iris formoso e suave:
não sentes remorso ainda?
que mal te fez a pobre ave?

E eu não atirei lembrando-me do Caçador.

Voltaaos, ao cair do sol—eu sem um passaro na bolsa, ella sem uma borboleta—porem ambos alegres, cbeios de animo, recitando versos pelo meio das arvores, como dois maniacos, vendo em chusma de ramo para ramo, tribus canoras de passaros voando.

Hoje, o meu desejo unico é voltar ao campo com as *Contemporaneas* e a minha companheira para não matar os passarinhos e gozar e gozar e gozar.

COELHO NETTO

A JUVENTUDE

A ALUIZIO AZEVEDO

Do amor a vaga sensação primeira,
Primeiro alvor, diluculo da idade,
O brando rescender da virgindade,
Mais brando que o da flor da amendoeira;

O espirito, a belleza e a castidade
—Rara violeta que invisível oheira;
A ingenua preco—musica fagueira—
Tudo que ha na mulher que mais agrade;

Tudo nesta estação se atila e apura;
A moça sonha e o seu sonbar fulgura
No olhar de luz e de humidade cheio;

Da tez lhe fulge a transparencia rara,
E, qual fructo de neve, aponta a clara
Protuberancia olympica do seio.

RAYMUNDO CORREIA

FIBRA MORTA

Dous espelhos oppostos que se reflectem e n'elles infilerados em pallida galeria interminavel csmorecendo, fundindo-se na sombra, spectros de melancolia, e effigies de miseria, dolorosas imagens do meu eu doloroso. A sombra é como o passado e como o futuro, alternadamente. Entra os dous o balanço angustioso, em que aneia a as-

piração, em que chora a saudade. Lá no fundo a superposição dos dous mysterios fuz o cerrado nevoeiro negro onde lampejam a espaços clarões incertos que o desejo accende e que errantes sopros de duvida apagam. De mim para os dous temerosos muros de treva é a attenação crescente da ruinha figura humilde. Prolongada nos dous sentidos, não sinto, não seatirei jámais o ponto em que deixo de ser. Sei que ainda no invisível vivo, ligado estreitamente ao grande Tudo. Mas viver sem se sentir limitado, preciso, individual; viver assim preso ao universo não é viver, é reflectir vida. Sentila directa, que sonho!... Também d'este ideal soffro que me tortura como uma iuveja iscominada e sem odio. soffro; As tristezas antigas eram das alegrias não minhas. Das excitações alheias só me tocam as depressões consequentes, o espolio lamentoso das miserias que foram glorias e galas. Deaí resoa em mim perfeitamente, ua corda de bronze vibrando unisona com os gemidos dos outros *eus* infinitos, a nota gravissima, a nota negra em que hulto e pranto e ais do mais fuudo do coração. E quando a alegria cantae e eu decomponho a alegria, da explosão luminosa ficam-mo aos barros negras...

Era festa ainda ha pouco. Dansavam trinta pares n'esta sala. O alvoroço, o ruído, a embriaguez da musica, a aproximação dos sexos em cio, a alogria physica do amor contagioso, com a plastica das figuras em grupos pittorescos ou isolada., diferentes mais ligadas por uma semelhança obscura, movendo-se a um ritmo só de mim sentido, compunham-me a harmonia rara em que sempre espero em vão o accorde que me prostre no spasmofulminante. E ainda d'esta vez não veio. Vaguei por entre as dansas, dansei, galantiei e ri, sempre frio, sempre vazio de emoção, como um castrado pschyco. A eternamente esquiva Galathéa nem uma ponta de tunica branca mostrou-me fugindo entre os salgueiros do sonho. Apenas no ar deslocada pela sua esquivança de um vago aroma, de cabellos humidos. Aroma ou lembrança de aroma, o bastante para exhaurir-me no desejo. Logo desfalleci. Um biscuit polychromo que eu guiava ua dança abandonava-se nos meus braços, como umollecida ao ardor da valsa. Metteme nojo, quasi e tive vergonha por elle e por mim. Não dahsei mais. O ajuntamento festivo mudou-se-me em soldão que visões dolorosas mais desabrida tomam. Estudei linhas e manchas, mas não pude escapar á obsessão do futuro pelo passado. Havia moços e velhos, carnações rosadas e pergaminhos seccos, esperanza e ruinas, aspirações que vão encontro das desilluções e renunciações lustimosas, não resignadas, chorando pelas rugas e pela devastação dos órgãos ao descambar da vida. Vi flores pisadas pelo chão, vi nos rostos fatigados, nos grupos rareando e nas velas consumidas o fim da festa e toda a fadiga dos outros que tiveram prazer pesou sobre mim e atirou-me sobre esta cadeira entre dous espelhos. O demonio da ironia gargalhava na cadencia da ultima quadrinha. E nem aquella risada que eu escutava, alta e aguda, dilacerando as vestes da mentira o entrechocando ossos de esqueletos e nem a feição macabra que tomava o baile poudé mover-me. Fiquei pensando a mim-me—Narciso lugubre...

Agora entendo a tristeza. E' a morte. E' a dispersão da individualidade que não posso guardar e que, parcellada ao infinito, foge de mim para estas minhas sombras infinitas. Sou como um corpo em que a fibra muscular já não vibra á excitação dos nervos. A força não trabalva em mim, que não resisto. Anceio como um passaro batendo azas no vacuo. Morro dissolvo-me na inanidade do desejo, incapaz, conscio disso. Quero ser um, unico e só, e no entanto a aspiração moribunda agita-ae convulsa n'aquella pupilla negra, ultima a esquerda, que entre os lavores de crystal contempla-me. Sou eu que sou sombra e miro me. E o meu presente miserriimo chora o passado que foi e o futuro que não será elle. A turva que me esmaga nunca mais se dissipará para mim!

8 de Março.

DOMICIO DA GAMA

DA «VIA-LACTEA»

Deixa que o olhar do muado emfim devasse
Teu grande amor que é teu maior segredo /
Que terias perdido, se mais cedo
Todo o affecto que sentes se mostrasse?

Basta de enganos! Mostra-me sem medo
Aos homens, affrontando-os face a face;
Quero que os homens todos, quando eu passe
Invejosos apontem-me com o dedo.

Olha: não posso mais! ando tão cheio
D'este amor, que min'alma se consome
De te exaltar aos olhos do Universo..

Ouçõ em tudo teu nome, em tudo o leio:
E, fatigado de calar teu nome,
Quasi o revelo no final de um verso.

OLAVO BILAC

O BANHO

As moças desceram para a cachoeira e os homens ficaram da parte de fóra á sombra das arvores, ao ponto de se aborrecerem e procurando matar o tempo a riscar com os dedos na areia fina do caminho, ou rolar pedras pelo despenhado.

Bertha, mais petulante, mais viva, ia adiante a trincar com os alvos dentes uma folha verde que apanhara na passagem.

Levava nos hombros a toalha de rendas. De todo o seu ser partia uma vibração magnetica tão intensa na irradiação de sua belleza, que todos os olhares convergiam para ella, como se fosse uma cousa luminosa. No meio d'aquelles verdores, a borda do corrente, nessa paisagem selvatica, quasi que se-lhe-viam por entre os cabellos dourados a capella de algas de nayade pagã.

Ligeira, pulou sobre uma saliencia e a braço o conjuncto do quadro com um olhar de gulosa. O grosso volume

d'agne transparente, inteiriço como uma peça de crystal, despenhava-se do cima por uma cavidade da rocha e ruia em baixo em caixões de alvissima escuma. O rochedo coberto de limo o meio escondido entre os hervações, fazia lembrar um grande, mastodonte adormecido e mettido n'agua até o ventre.

Uma deliciosa sombra projectada pela cajazeira envolvia em parte a gruta pittoresca.

Por cima, alem, os passarinhos voavam cantando n'um céu azul, que se encurvava sobre a terra, como a tampa de um cofre de esmeralda em que Deus guardasso as suas melhores joias.

Bertha gostava d'aquelle banho. O aroma humido que inapregnavo o ar fazia-lhe um bem... O ruído aotorno da cascata excitava-a, e a agua limpida e fresca, em contacto com sua pelle, dava-lhe sensações agradabilissima. Rolava-se nella com a sensualidade de lagarto aquecendo-se ao sol.

Começou ligeiramente a desarperatar os colxétes, e as suas exhuberancias, cndendo a elasticidade natural, iam irrompendo d'entre as rendas, como de uma prisão que as constrangia. Desabotoa-la, deixou as roupas cahirem uma a uma, a seus pés, formando um circulo alvissimo, que fazia lembrar aquelle que cingia a vaga natal da deusa.

Depois, em camisa, sahio da sua prisão de neve e inclinando-se tomou as roupas e atirou com ellas para cima do rochedo. Desatou os cabellos, cujas tranças foram a recender desenrolando-se pelos hombros, e sentou-se adoravelmente no lagoado para tirar as botinas, que deitou junto a roupa. A meia fina e elastica desenhara a forma esgria do pequenino pé, que ella affagava com a mão carinhosa. Levantou a camisa até a curva, desatou a fita que lhe servia de liga e foi tirando devagarinho a meia, que deixava abastado o louro peliolo da perna. Junto ao joelho a liga posera uma cinta vernella, que Bertha comprimia com a pontinha do dedo rosado, entretendo-se em ver fugir e voltar a onda sanguinea. O péshino parecia uma joia de nacar, e Bertha sorria ás feições miudinhas de seus dedos corados que ella destendia para desentorpecer.

Levantou-se. Uma bella estatua em camisa. Pelos boraquinbos da renda, via-se-lhe a pelle rosada e fresca, seus dois peitos rijos brancos impillião o tão rendado da camisa, desafoego de creação proza. Os braços roliços e carnudos erguiam-se para accomodar os cabellos.

As outras moças já se haviam lançado ao corrente, e, accesas pela excitação do banho, precipitavam-se n'uma vozeria alegre para a queda d'agua.

A formosa rapariga avisiuhou-se da borda. Retrahiu-se pudicamente e tirou a camisa; e o sol como uma panthera traiçoeira, atirou-se de subito sobre ella e fel-l resplandecer como uma estatua de prata.

A visão duron um instante. A moça desapareceu nas aguas e os seus compridos cabellos derivaram pela corrente como veia d'ouro em fusão.

(Continúa.)

L'HORRE

QUESTÃO DE ESTHETICA

Eu assistia á eterna discussão
de uns quo querem a Forma e outros á Ideia,
mas a minh'alma, inteiramente alheia
scismava n'uma intima viação.

Sciavam em ti... Pensava na expressão
do teu languido olhar que em nós ateia
um rasto de volúpia e em cada veia
côa as lavaa ardentes da psixão.

Pensava no teu corpo, maravilha
como igual certamente outra não hrilha,
e lembrei — argumento capital —

que não tens animando-te o portento
da impericivel Fôrma triumphal
nem um nobre e sublime Pensamento!

MEDEIROS E ALBUQUERQUE

QUESTÕES DE ESTYLO

Exordio. Aphorismo de Buffon. Espirito moderno e espirito antigo. Selecção natural. Pessimismo é optimismo. Em que consiste a superioridade do espirito moderno. Estylo moderno.

(Conclusão)

Assim como a methodica, a estylistica offerece dois problemas: o do estylo em geral e o do estylo particular ou individual.

Um é a faculdade racional de exprimir em gloho toda a ideação actual em sua mais complicada engrenagem; o outro é a expressão do pensamento segundo o temperamento e seguido os processos de systematisação de um autor.

No primeiro caso o estylo é um prisma de faces multiplas que tem a capacidade de reflectir todas as cahiantes do espectro mental; machina engenhosa que pôde photographiar todas as idéas revoadas da mais possante civilização.

E' assim que elle confina com o grau maximo da ideologia do seculo, seu limite extremo, e é tanto mais complexo o tanto mais intenso quanto mais complexa e quanto mais intensa é essa ideologia.

Sabe-se que cada seculo tem o seu estylo.

O estylo do seculo XIX, por exemplo, é tão hem aparelhado e tão completo que traduz folgadoamente todas as revoluções mentaes que dia a dia se vão consummando e das quaes eu já dei acima um pallido transumpto.

E como todo esse trahalho colossal de expressão se dilue na fôrms litteraria, segue-se que é em litteratura que pôde-se estudar maravilhosamente o estylo.

Entro assim ns segunda phase da questão, o estylo individual.

Ha aqui a conaiderar doia elementos preponderantes: a noção que se tenha da arte e a influencia do temperamento.

Qual é a comprehensão racional da arte moderna?

Arte é a concentração da natureza om um temperamento.

E de que modo é que se manifesta o seu regimen?

Pelo naturalismo, já o disse.

Assim, pode-se affirmar que estamos na epocha positiva da arte—o realismo.

O classicismo petrificou-se: petrificado está o *Fatum* litterario. O romantismo expirou como um corselestaffado: levou a breca o empirismo synthetico e pessoal. O naturalismo, porem, amancebu no oriente da arte moderna espandando turhilhões de luz: gigante ousado que vai escalar o céu fulgente da Natureza e da Humnidade.

Hoje em dia a arte é uma succursal da sciencia e nella como na primeira só ha dois elementos: o elemento natural e o elemento humano.

Todas as concepções e todas as modernas creações artisticas têm de festsamente subordinar-se a essa noção capital.

Como fundamento e como principio suggestivo da arte está proscripto o aereo, o phantastico, o chaotico e o sohrenatural.

Assim, o estylo deve absolutamente reflectir essa nova e decisiva orientação mental e ser antes de tudo e acima de tudo—natural e humano.

O artista de hoje deve dispor de sciencia para analysar, para observar, e de arte psra synthetisar para compor. O duplo processo de analyse e de synthese constitue tão fundamentalmente o methodo artistico como o methodo scientifico.

Por eesa rszão não se pode affirmar peremptoriamente que o estylo contemporaneo seja só analytico. Não: elle é analytico e synthetico.

Já se vê que desse ponto de vista evidentemente pôde-se adduzir um correctivo ou uma restricção ao aphorismo de Buffon: O estylo é o homem, mas na inconsciencia da arte, e não premeditadamente. Quer isso dizer: a posteriori e não a priori.

E' verdade que a nova escola ainda não está inteiramente crystalliada na consciencia univereal. O classicismo e o romantismo esvaram sulcos profun-

dos na cera do espirito humano, de maneira que aos olhos cerrados dos cegos systematicos ainda o realismo hraceja nas vascas do ser e do não ser. Seria, porem, irrisorio retorquir que o triumpho seri em toda a linha e que então o estylo cada vez mais irá so açacalando como aparelho, que é, da expressão.

Alem de humano e de natural o estylo contemporaneo deve ser complexo para condensar o maximo possivel de ideação; simples para não trsusviar o fio do pensamento culminante; intenso para pulverisar os attritos da expressão; vibrante para couflagrar os habitos de apathia e para desemhotar o appetite gusto do paladar do homem moderno; crasico para atingir rectiligneamente o fini collimado e suggestivo para alliciar o temperamento litterario affim. Mas tudo isso na esphera dos principios immutaveis da razão logica, e não arbitrariamente.

Sendo assim, condemnadas estão a morrer de inauição a rhetorica esteril e a declamação banal.

O estylo moderno, o estylo naturalista, é sohrio e não indigesta.

Um instrumento, um aparelho de transmissão, e uão um tramholho.

Por isso elle deve ser nas mãos do escriptor o que é o diamante nas mãos do lapidario.

Vou concluir.

O corpo espherico é o mais completo que existe por ser precisamente o que cota maior numero de elementos no menor espaço.

Pois hem, toda a minha insinuação ae resume neste preceito:

Ecounomicamente o estylo deve ser como a esphera.

E fazendo a consequente applicação, desse preceito pôde-se estabelecer para o estylo contemporaneo e naturalista esta fórmula de suprema economia:

O mais possivel no menos possivel.

CANDIDO JUCA

TUA VOZ

A OLGA SUCKOW

Tua voz, vae-me coração afôra
Qual magico pincel — e docemente
As terras fibras todas lhe colora
Das rosas de um amor puro e innocente.

Amo ouvir tua voz meiga e sonora
A vibrar, a vibrar languidamente.
E' como o canto de ave, quando a aurora
Rorida e fresca, proxima presente.

Ells thesouros de ternura encerra,
Ella harmonias do um dulcor infindo
Esparge no ambiente e pela terra!

Fala-me ainda, assim... terna e tranquilla,
Que emquanto vou a tua voz ouvindo
Eu tudo esqueço por somente ouvil-a!

VERA DE SUCOKW

A TRAVESSIA

A JOSÉ BORTEUX

Corriamos a todo pauno.
Um sopro rijo do norte, que encrepava a toalha immensa das aguas, enchia as velas e deixava n harco na linha espumosa e marulhante do rumo.
A tarde estava limpida, transparente, encharcada em aol.

Enchia-nos os pulmões, em amplas aspirações, revoltando os noasos ca-

helloa, a [froscura picante da corrida.

Em frente, contornações doces e recortadaa de montanhas, esfuminhadaa pela poeira azul da distancia, faziam relévos nitidos, levantados, na rubente explosão do occaso.

Espra traz, ao longe, recuando de nós, n'um afastamento saudoso e confuso, via-se esvaecer a brancura recolhida do-frontão da igreja da aldeia, que ficava n'um morro, fazendo-me surgir na imaginação de emigrado, o viver illuminado e cantante de outr'ora.

E que nostalgia funda e desconsoladora de minha Mãe, dos meus que ficavam, e da Rita, uma hõa companheira do *Tempo será*, e da aposta a capote, quando rapavamos a mandioca pelas longas e troviscosas noites do inverno, nos engenhos coherotos de palha, mal alumienhos pelas antigas candeias de quatro hicos, no tempo das farinhadas!

Que nostalgia, ó mar!

VIRGILIO VARZEA.

Desterro.

DEPOIS DE PARTIR

Vim e deixei-te o coração que, embora Martyrisado sempre, é teu escravo;
Vim sem trazer ao menos um aggravo
Dos teus impios caprichos de senhora.

Vim, e com risos dissimulado o travo
De acres venenosos que sorvi outr'ora;
Indifferente ao mal que me devora
A setta que me fêre eu mesmo cravo...

Trouxe comigo o eterno morihundo,
— Tantaló que agonisa, sitiundo,
Alimentando a sédo que o tortura:

Trouxe comigo o meu amor profundo,
— Coveiro que, com prantos de amargura
Ha de fechar-me a triste sepultura.

PEDREIRA FRANCO

S. João d'El-Rey, 87.

LA TERRE

DE

E. ZOLA

Tenho ainda diante *La Terre*, esse extraordinario romance de Zola, tão atacado e combatido pela imprensa franceza e até por aquelles que haviam sido discipuloa confesosos daquelle talento extraordinario. Foram esses os proprios que ousaram accusar o mestre de venalidade, insinuando que o maior romancista da França moderna deixara-se arrastar pelos calculos mais vergouhosos na composição do seu livro colossal.

La Terre está lida. E' um livro monstruoso e disforme, novo é, sem questão, um livro sincero. Pôde-se combater n gosto litterario de Zola, a verdade das suas scenas, a Ingica das suaa deducções, mas injuato

está de certo negar a sus boa fé. O livro que excitou tantas coleras, que revoltou uma litteratura, é a produção de um novrotico, de um organismo desequilibrado, afflicto, onde a pupila, como um luneta de augmento, deforma e exagera todos os objectos e todos os factos que observa.

Muitas vezes se tem dito que atraz do romancista Zola vive um poeta extraordinario. Como poeta elle contemplou as minas e o mundo dos mineiros, como poeta elle exagerou o soffrer duro e infernal de Claude, como poeta elle encorou a terra. A differença está em que a sua poesia é de uma natureza particular, em vez de illuminar e embelesar os objectos augmenta-os e deforma-os. Dahi o relevo extraordinario do algumas figuras, o que de monstruoso e a falsidade das proporções.

No *Germinal* o poço da mina cresce de pagina em pagina, toma proporções prodigiosas e infernaes. No fim do livro esse poço vulgar apparece como uma gurganta viva, perversa, que devora, para matar a fome insaciavel, innumeradas gerações de mineiros. Na *Terre* encontram-se os mesmos symbolos. Já oão é um poço mas a propria terra que devora seus filhos. Ella mata-os e elles adoram-na. E' a um tempo mãe e senhora cruel.

Entre os camponces o amor pela terra atrophica todos os outros sentimentos e é maior que o dever. Desde que se trata de augmentar o patrimonio, ganhar um palmo de terra, não ha mais familia, ternura nem reconhecimento. O camponez é capaz de matar de fome o pai ou a mãe para herdar mais depressa. E' a luta sem treguas, entre todos, parentes e irmãos, luta em que vence o mais forte, que triumpho e enriquece.

E' este, ao que parece, o pensamento fundamental do livro. De um lado a terra serena, impassivel, risonha, docemente adormecida na sua calma magestade, e sobre ella as gerações que se destroem no desejo ardente de possuil-a. Ella assiste a todas essas lutas com o seu olhar placido e frio e recolhe em seu seio immenso todos os lutadores. Vencedores e vencidos vêm deitar-se ahi. Dormem juntos na paz serena do ultimo sono, emquanto fermentam os gormens das novas lutas. E a vida segue o seu curso... E' a poesia e a philosophia da obra.

No desenvolvimento desta these grandiosa o illustre romancista foi de um exagero, de uma obdenidade extraordinarias. Todo esse excesso cansa. Ao fim do livro o leitor sente-se mal, incommodado, excitado, e isso é a prova evidente de que o livro não é verdadeiro.

O Sr. Zola pôde ser tudo, menos um naturalista puro como elle quer ser. Nenhum livro seu tem a verdade, a naturalidade serena e simples de Flaubert em *Madame de Bovary*. Para nós Zola é talento tão colossal como o de Victor Hugo e tem um temperamento identico. E elle sentiu bem que Victor Hugo era um obstaculo no seu caminho, um sombra para a sua obra; e combateu-o.

Com uma orientação diversa e um programma outro, estudando os autores antigos e refundindo-os nos seus moldes, elle procura o extraordinario, o colossal, o grandioso, hade tocar fatalmente a gloria do exilado de Jersey.

Terminando este ultimo livro de Zola sente-se necessidade de ar puro e atmosfera nova. E como uma medida hygienica pôde-se ler *La Mare au Diable* ou *François le Champi*. Sem duvida que os camponces de George Sand são mais ingenuos e puros do que o exige a verdade. Mas os heroes de Zola, que apodrecem na abjecção, serão accaso mais verdadeiros? Afastam-se da verdade, tanto uns como outros, mas em sentido opposto.

EMANUEL KARNERO.

Continúa.

FRAGMENTO

No dia immenso de seu natalicio
Arranjei o que ha de mais factó
No meu ditoso officio
E mandei-lhe um sonoto.

A mãe que o viu, fallou-lhe c'o interesse,
A ella, o meu ditoso anje querido:
— Antes elle te desse
Um côrte de vestido.

RICARDO BARBOZA

POETAS MINEIROS

V

MELLO FRANCO

A cidade do Paracatu, povoada em 1744, está collocada quasi ao norte da provincia de Minas-Geraes. O lugar em que hoje se assenta a povoação, foi descoberto pelo guarda-mor José Rodrigues Froes, que ali encontrara riquissimas minas de ouro.

Logo que se espalhou a noticia do descobrimento, para lá affluiram muitos mineiros á cata da riqueza. Em o numero destes conta-se uma familia pobre que emigrara de Sabará e á qual pertencia Francisco de Mello Franco. Até hoje encontram-se nesta familia homens muito intelligentes, e todos nascidos em Paracatu, que, com ser central, é um lugar adiantadissimo em materia de instrucção. Entre muitos citamos os seguintes:

1º Dr. Manoel de Mello Franco, que tomou parte activa na revolução de 1842 em Minas;

2º Dr. Bernardo de Mello Franco, que foi politico afamado, distincto medico, e um dos proprietarios do celebre diamante *Estrella do Sul*;

3º Dr. Virgilio Martins de Mello Franco, juiz de direito de Barbacena;

4º Dr. José de Mello Franco, medico em Paracatu;

5º Dr. Christiano de Mello Franco, advogado na mesma cidade;

6º Julio Cesar de Mello Franco professor na escola normal do mesmo lugar e ex-redactor do *Luxeiro*;

7º Clirindo de Mello Franco, tambem professor daquella escola e poeta de bastante merito.

R. G. D., (iniciaes do Dr. Ricardo Gumbleton Daunt, medico em Campinas) refere-se a um filho de Francisco de Mello Franco, (de maneira honrosa para sua familia. Eis aqui as suas palavras, tratando das antigualhas da cidade de Campinas:

« O primeiro doutor em medicina que habitou Campinas, estabeleceu se aqui no periodo a que se refere a nossa chronica, (1812) e foi este o Dr. Mello Franco, homem formado em Gatington, casado com uma senhora haneveriaua, nobre, de cujo consorcio teve varios filhos. Era este medico filho de outro do mesmo nome que foi medico do paço e auctor de um livro sobre bygiene.» (1)

Nasceu Francisco de Mello Franco em Paracatu a 7 de Setembro de 1757. Fez seus estudos preparatorios no seminario de S. Joaquim, no Rio de Janeiro, matriculando-se depois nas aulas de medicina e philosophia da Universidade de Coimbra. Vendo publicado um poema satyrico, o *Reino da Estupidex*, o tribunal do Santo Officio, vendo nelle seus laivos de heresia, condemnou o auctor a quatro annos de prisão. Cumprida a sentença voltou o joven mineiro de novo aos seus estudos, conseguindo receber o grau de doutor em medicina. Antonio Ribeiro dos Santos e o abbae José Corrêa da Serra o apresentaram na Academia Real de Sciencas, de Lisboa, a que ficou pertencendo como socio effectivo.

Mello Franco escreveu o *Tratado de educação physica*, um livro sobre bygiene, um ensaio sobre systema muscular, o relatório da academia em 1816, um ensaio sobre as febres intermitentes no Rio de Janeiro, o poema citado e o cantico intitulado *Noites sem somno*. Falleceu a 22 de Julho de 1823 em Ubatubo, quando de Santos dirigia-se a Côrte.

Na opinião de Pereira da Silva não é o *Reino da Estupidex* que constitue a gloria poetica de Mello Franco. Julio Ribeiro, o eminente e competentissimo litterato, falando daquelle poema qualifica bem os seus versos dicacissimos. (2) Abaixo offerecemos ao leitor um trecho dessa magnifica satyra, pelo qual poderá ser a mesma avaliada. O poeta dirige-se á Universidade de Coimbra, nestes termos:

« Muito illustres e sabios academicos;
Per direito divino, e per humano,
Creio que deve ser restituída
A' grande stupidex a dignidade
Que nesta academia gozou sempre.

Ponderae sem paixão, pera que serve;
As pestenas queimer sobre os entores,
A estimavel saude arruinando?
Pra levar este tempo em bom socego,
Divertir, e passar alegremente,
Acaso precisas de mais sciencia?
Se os dias desta breve e curta vida
Tivessemos co'os livro perturbado,
Houveramos acaso mais prehendias,
Mais dinheiro, mais honra, mais estima?
De que podem servir estes estudos,
Que mais de mode se cultivem hoje?
A barbara Geometria tão gabada,
Que mil proposições todas hereticas
Aqui fez ensinar publicamente?
Diga-o a Inquisição, e mais não digo.

(1) Almanach Litterario de S. Paulo, 1880, pag. 39.

(2) Julio Ribeiro, *Cartas Sertanejas* 1885, pag. 87.

Histories-octuraes, Phoroomias,
Chimicas, Anatomias e outros nomes,
Difficéis de refer, são as sciencias
Que virão trazer os Estrangeiros
Ha coisa mais cruel, mais deshumana,
Mais cootraría á razão, que ver os medicos
Um cadever humano espatifado,
Um corpo, que habitou o Espirito-Sante?

Quem pôde sem desprezo ver um Lente,
De innumeros estudaotes rodeado,
Pelos campos vegar, alli colhen'o
Uma hervinha, uma flor, um gafanhoto?
Acolá co'um fuzil ferindo as pedras?
Deixemos, pois, um dis, ó sehia gente!
Estes prestigios que nos têm cegado;
Ponhamos, como d'antes, estas coisas
Em seu antigo ear: como hons filhos
Recebámos a nossa Protectora,
O que foi sempre seu em paz governa.» (3)

« Pona foi que tão pouco produzisse
um engenho poetico que dotára a
natureza com dotes tão selectos e primorosos », diz o illustrado senador Pereira da Silva, em sua magnifica obra *Os Varões Illustres do Brazil*, no capitulo em que trata da individualidade litteraria, justamente celebre, do Dr. Francisco de Mello Franco.

LAFAYETTE DE TOLEDO.

(3) Mello Franco, *Reino da Estupidex*, canto III.

TRATOS A BOLA

A's ordens dos Srs. amadores de mystiforios estamos, que nem para outra cousa nascemos. Nosso forte é charada; nosso fraco charada é.

Neste canto o-seuro vegetamos dispostos a esclarecer a propria claridade, se tal se fizer mystier. E porque não fazemos máu conceito das charadas deitamos-nos a elles.

Os senhores charadistas, sempre que queiram dar que fazer á moleira, não tem mais do que chamar-nos. Sempre promptos, não nos negaremos já mais a chamados, ainda mesmo que por escripto venham.

Da nossa força intellectual avaliem os que estiverem na altura de eniender o nosso estylo arpejado.

E feita tão ligeiro, quanto conciso programma, entremos no labyrintho das locubrações.

Estas charadas não tem por premio senão o nosso sorriso meigo e a consolação de quem mordel-ss. Mas já é sufficiente, cremos.

O sorriso já o arvoramos; virá mais tarde a consolação.

INVERTIDA

A's direitas peixe vemos,
D'agua doce, e sem canceira;
A's avessas, com cedilha,
Boa fructa brasileira.

TELEGRAPHICAS

Sogra é vasilha?

Vime tem receio?

NOVISSIMAS

4-1- A mestra de musica occupa um cargo honroso!

2-2- E' uso o homem ser d'antiguidade.

1-1- A interjeição do soldado está cercada d'agua.

LOGOGRIFHO

Das invenções grandiosas
Alistei-me nas fleiras.
Sou famosa entre as famosas,
Sou primeira entre as primeiras. 4, 1, 2, 8

Consolo a todos. O crenço
Nos lábios sempre me traz.
No templo, devotamente,
Grande uso de mim faz. 4, 5, 7, 8.

Se grande sou, se me elevo,
Se nas terras cultas cresço,
Muitas vozes tambem desço
E comigo muitos levo. 4, 8, 2, 8, 8.

Ms isto só entre o povo
Inculto, mais atraçado,
E não no civilisado
Que cogita estado novo. 3, 5, 6, 7, 8

Das invenções grandiosas
Alistei-me nas fleiras...
Sou primeira entre as primeiras
Sou famosa entre as famosas.

Só. Os Srs. cbaradistas, se por um
milagre conseguirem matar qualquer
destas charadas (o que duvidamos)
podem mandar as decifrações até terça
feira de manhã

Ao primeiro se brindará com um
volume de poesias.

MYLLIYS.

A uma folha rota

O' que tristeza immensa eu não sinto.
A olhar para ti, folha sem cor...
Pareces um cadaver n'um sudario
Triste, exaague, e sepulto em louca dor...

Diz a folha... quem foi que lacerou-te
Diz... diz... quem impiedoso te ferio...
Sobre ti, escrevera um verso casto
Ditado no sentir que o traduzio...

Diz, folha... d'onde foi que te arrancaram
Num odio, tão atroz, sem compaixão!...
A folha tristemente me responde:
—Rasgaram-me assim... do coração!...

IGNEZ SABINO PINHO MAIA

THEATROS E DIVERSÕES

SANT'ANNA

A opereta phantastica *Ramo d'Ouro* da
peça de Dumanoir e de Ennery, vertida
pelo Sr. E. Garrido da *La Chante mer-
veilleuse*, adoptada ao nosso theatro pelo
illustre comediographo Dr. Moreira
Sampaio e musica do distincto maestro
Miguel Cardozo; foi representada no
theatro Sant'Anna, em *premiers*, na ter-
ça-feira ultima, com grande concurren-
cia.

Commun em todas as magicas, no
Ramo d'Ouro, ha duas forças que se ba-
tem com poderes superiores *A Fada
Azul e genio vermelho*, e que entretanto
não constituem o centro comico da peça
extranha natureza ao genero que não
é só o seu deficit.

Duma cousa estamos convencidos:
luta enorme, luta interminavel ha entre o
libreto de qualquer genero de trabalho

comico e a partitura: uma cousa nec-
cessariamente se sacrificará a outra. A
acção de um facto do libreto exige que
a musica alli, rigorosamente se acomi-
modo e guarde, toda a sua construcção,
e vice-versa, a musica. Desta exigencia
resulta perder a partitura, no mo-
mento, a oportunidade, a phrase breve
ou longa, ao lance estreito, ou vigoroso
do verso ou da prosa. Isto é um facto
pratico em todos os libretos de operas,
—a *Africana* por exemplo.— e em todas
as operetas. e hom acentuado, no *Ramo
d'Ouro*

E porque assim pensamos o que de
pouca expressão em algum periodo se
recente na musica do *Ramo d'Ouro*, a
esta circumstancia atiramos a responsa-
bilidade da falha.

Sem duvida alguma o Sr. Miguel Car-
dozo é um compositor talentoso, va-
lente e criador. A sua partitura do
Ramo d'Ouro, si não é um trabalho com-
pleto e original, é em todo caso uma
excellente prova de seu grande saher
musical. Ha tantas bellezas em sua
composição, que, o que de fraco, des-
apparece. Melodiosa, leve, as vezes um
sentimento profundo e doce vihra com
muito vigor. A canção do 3º acto que
a Massart canta, invocando a fada azul,
é uma cousa extraordinaria, e que, ao
mesmo tempo, que a Massart o vai
lendo na musica, sente a gente uns es-
tremecimentos mornos, fortes e estran-
hos.

E' o que podemos dizer da composi-
ção do Sr. Miguel Cardozo.

A opereta está montada com muito
luxo, com este rigor, que só o Heller o
sabe fazer.

A peça está bem ensaiada, e o Vas-
ques, o commendador Vasques tem o
melhor quinhão da peça, e em que fica
inimitavel.

Hoje vai o *Ramo d'Ouro* em 5ª repre-
sentação.

Na segunda-feira, 12, a empresa do
theatro Sant'Anna, dará um especta-
culo em proveito do illustre maestro
Dr. Ahdon Milanez, levando a scena a
opereta—*Dama de Espadas*, de cuja par-
titura excellente é o distincto composi-
tor o seu autor.

Desejamos-lhe boa casa.

LUCINDA

Continúa a companhia hespanhola de
zarzuelas a levar enchente ao theatro
Lucinda, e a fazer as delicias do pu-
blico, extramo amator d'esse genero de
trabalho.

RECREIO DRAMATICO

Fez uma viagem a Nictheroy, com a
A Grande Avenida, e deu alli dois es-
plendidos espectaculos a companhia do
Recreio.

No dia 19 faz um grande concerto no
theatro Recreio o digno violoncellista
Frederico Nascimento, merecedor sem
duvida do apoio publico.

FACTOS E NOTICIAS

Para Curitiba seguiu o nosso hom
amigo José Raposo, que durante al-
gum tempo collaborou connosco nesta
folha.

Boa viagem. e seja feliz em seus ne-
gocios.

Na matriz de Nictheroy, encetou uma
serie de conferencias religiosas o illus-
tre Padre Bellarmino José de Souza.
A manhã fará a sua 4ª conferencia dis-
sertando sobre materia religiosa, e de
sua provada capacidade deve-se espe-
rar completo desempenho. O Padre
Bellarmino de Souza é um homem de
muito talento, jornalista distincto e
perfeito orador da trihuua sagrada.

O illustrado Sr. Dr. Alexandro Sto-
ckler seguiu a dias para a provincia
de Minas onde foi visitar a sua digna
familia, e donde voltará brevemente.
Boa viagem.

RETIRO LITTERARIO PORTUGUEZ

Reuniu-se ante-hontem em sessão lit-
teraria esta antiga sociedade.

Do Sr. Bento José Caetano Barbosa
receberam-se 5 obras em 7 volumes.
Archivaram-se diversos jornaes e igual-
mente a revista do instituto do Ceará.
Na 2ª parte dos trabalhos fez o Sr.
Caetano de Castro uma conferencia,
tomando por assumpto — a civilidade.

O Sr. Leite Guimarães fez o elogio
historico do glorioso reinado de D. Ma-
noel em Portugal, censurando sómente
que nesse tempo Portugal um homem
que muito brilho lhe podia dar; esse
homem foi o pae do celebre philosopho
Spinosa.

O Sr. João da Fonseca Nogueira reci-
tou com muito sentimento a linda poe-
sia de Guerra Junqueiro — *A caridade e
a justiça*.

Fez o Sr. Claudino Netto a descripção
do satellite da lua.

Na 3ª parte disetiu-se o thema: — *O
papado na actualidade é util ou prejudicial
aos povos?*

Orou o Sr. Leite Guimarães, consi-
derando ser aquella instituição preju-
dicial.

Levantou-se a sessão ás 10 horas.

Diversas Publicações

*Grande Concurso Internacional de Bru-
xellas de 1888.* — Exhibição. — Os Pa-
huenses. — A Commissão Executiva do
Grande Concurso de 1888, acaba de
fazer uma concessão de 1800 metros de
terreno, para uma Exhibição interes-
sante que, por certo, ha de attrahir um
grande numero de visitantes. Trata-se
d'uma trihu de Pahuenses indigenas
que habitão as florestas virgens da
Africa Central. Esses filhos da grande
terra equatorial, tão estranha como
mysteriosa, (ohterão por certo um
sucesso de curiosidade e offerecerão
um curioso assumpto de estudos para
os ethnologietas. A respeito do pitto-
resco pode-se apreciar quanto seme-
lhante exhibição deve possuir de ori-
ginalidade e attractivo. As narrações o
descripções dos viajantes que explo-
raram o Gahão serião o melhor dos
reclamos. Deve-se acreditar tambem
que os ditos Pahuenses interessam o
publico em geral visto que um lugar
espaçoso lhee foi igualmente reservado
na Exposição franceza de 1889.

Os Srs. Laemmert & C. acabão de
editar a importante obra de Jonathan

Swft. *As Viagens de Gulliver a Terras des-
conhecidas* vertida para o portuguez
pelo professor Carlos Janson.

O livro é feito em edição de luxo,
ornado com nove chromos bellissimos,
nitidamente impresso e profaciado pelo
eminente escriptor, conselheiro Ruy
Barhoza, cujo nome, alli na obra, é
uma garantia de seu merecimento.

Recommendamos ao publico livro
tão bello e tão util, e ficamos agrade-
cidos pelo brinde que fez-nos de
um volume.

Do illustre professor da escola de
Medicina da Córte, o Sr. Dr. Campos da
Paz, recchemos um folheto de 80 pa-
ginas, com este titulo. *Vinhos artificiaes*.
E' uma representação dirigida as As-
sembleas provinciaes, solicitando dellas
medidas valentes e repressivas á fabri-
cação de vinhos artificiaes e uma con-
demnação ao... acido salycilico de sodp.

Recommendamos tão boa leitura não
às Assembleas, que pouco caso fazem
da hygiene publica, mas aos Srs. Fritz
Mack, mais interessaes no facto.

Bibliographia Brazileiro, é o titulo
de uma revista mensal que começou a
ser publicada nesta Córte, e de seu 1.º
temos um exemplar. E' um trabalho
util que merece hom acolhimento.

O illustre professor de tachigraphia,
o Sr. Sebastião Mestrinho nos fez o
brinde de um questionario da arte que,
com zelo, e talento exercio. Agradccidos.

O distincto compositor Costa Junior,
maestro de muito talento, e muito
operoso, mandou-nos duae composições
suas, ultimamente publicadas *L'Ave-
nir e Ave Maria*, são os titulos das ex-
cellentes, peças que vão fazer as de-
licias dos amadores, e mais firma-
rem o merecimento artistico do nosso
Costa Junior.

Agradccidos, e não se esqueça o
amigo de brindee assim, para o futuro.

Do Recife nos foi indereçado o unico
numero de um jornal, com esta sigela
denominação *Rabo escondido com o gato
de fora*. E' um jornal de *arromba*, tra-
lhado com muito espirito, e com uma
verve fina, e *sorrídifera*. Pelo numero
de um tão endiabrado jornal podemos
julgar do carnaval do Recife.

Ahi vai uma das suas novidades.

Nem tudo Que-luz é... do Minas...

— Sim, porque tambem ha Queluz
em S. Paulo.
Sensação!...

O *Diario Mercantil*, de S. Paulo, au-
gmentou de formato, para melhor cor-
responder a consideração publica de
que é merecedor. O *Diario* é um dos
melhores jornaes que conhecemos, mais
caprichosamente feito, e no seu genero
litterario é o mais interessante.

Ao nosso illustre collega nossoes
parahens.

Da casa edictora Campos & C. rece-
bemos o fasciculo n. 9 do romance de
Camillo Castello Branco. *A Queda de
um Anjo*.

O *Garatujó* é o título de um jornal illustrado que appareceu em Rezende, sob a direcção do Sr. Macodo Carvalho. O seu 1º numero que temos sobre a banca, já é uma lisongoira garantia de que possa vir a ser o *Garatujó*, que mais se recommenda ainda pelo texto. Agradecemos a visita do collega.

Vierão-nos esplendidos os dois numeros, deste anno, da *Illustração*, importante revista de Mariano Pina. Primorosas em tudo.

Depois da demora, um tanto para estranhar tivemos o prazer da visita do illustre collega, o *Mequetrefe*; mas como viesse bom, sadio e jovial, está perdoado. Venha-nos sempre.

Na Parahyba do Sul encetou publicação um novo jornal *Novo Distrito*. Feliz bom feliz mesmo seja o collega.

Temos recebido mais. *L'Étoil du Sud*, o n. 133.

Correire d'Italia n. 68.

O fasciculo n. 25 das *Farpas* de Ramalho Ortigão, e novamente editadas pela casa Davi Corazzi.

Resumo da Historia do Brazil, para uso das escolas primarias pelo professor Antonio Vieira da Rocha.

Revista de Engenharia n. 180.

Notas á margem, de Valentin Magalhães, chronica quinzenal n. 6 anno 1º. Muito interessante este numero das *Notas*, e escriptos com muito talento, e muita verve.

Do Instituto historico do Ceará recebemos o 1º tomo de sua importante revista. Aquelles que tomão serio interesse pela historia patria muito acharão dotranscendente na importante revista, em que collaborão os talentos, mais notaveis do Ceará e mais ricos de saber.

Agradecidos pelo brinde que nos fez o Instituto.

O Padre *Francisco Pinto*, ou A Primeira Catecheze de indios, no Ceará, é o título de um panfleto que recebemos do seu illustre auctor, o Sr. Dr. Paulino Nogueira Borgee da Fonseca.

Muito bom o *Jornal dos Economistas*. O n. 4 que temos a mão, traz este Sumario:

A Provincia de S. Paulo. Praça do mercado. As falsificações estrangeiras. As Associações Industriales. Aos collegas da Imprensa. A agricultura e o livre cambio. Bibliographia. Administração da marinha. Indicações e annuncios.

Uma distincta agrimação de moços da escola militar da Corto redige uma revista denominada *Familia Academica*, de que temos agora o n. 5 do 1º anno. Todas as questões escolhidas para este numero, são tratadas com muito talento e muito senso critico.

Seja-lhe prospero o caminho encetado brilhantemente.

Ficou assim composta a Directoria do Congresso Brasileiro.

Presidente, Domingos Lyra; Vice Presidente, capitão José Ferreira Ramos; 1º Secretario, Delfim Horta; 2º Secretario, Arthur Guimarães; Thezourciro, Barboza Castro; Procurador Rodrigues Elvas; Bibliothecario, Manoel Pillar.

Uma *cousinha* bijout foi o jornal que distribuiu no domingo ultimo, o Club dos Fenianos. Vejam os leitores este specimen.

O padre sempre pintaste,
Sempre piada tiveste,
Do *Ripetto* fallaste,
De *Dom Salustiu* disseste

Cousas boas, engraçadas,
Cousas do arco da velha!
Marcaste as telhas quebradas
Nos telhados do *Zé Telha*...

SCHOCKINN.

The Rio News. Esta importante revista distribuiu o seu n. 6, e 7 Vol. XV. Como de costume veio prodiga de dados estaticos commerciaes, e boas notas de cambio.

Recebemos o n. 2 da *Revista do Observatorio* trazendo o seguinte Sumario: Notas sobre meteoritos Brasileiros. Eclipse total da Lua a 28 de Janeiro. Pesquisas sobre a repartição da temperatura e da pressão atmospherica na superficie do globo. O «*Meteorologische Istitulo*» em Upsala e o modo de medir as nuvens. Dez annos de progresso da astronomia (1876-1886.) Revista das publicações. Aspecto do céu para o mez de Março. Noticias varias. Revista climatologica do mez de Janeiro. Diario meteorologico feito no Imperial Observatorio no mez de Janeiro. Resumo das observações meteorologicas feitas no mez de Janeiro em Santa-Cruz.

Está muito interessante este numero da Revista.

These do Sr. Dr. Miguel Pereira da Motta, sobre a *syphtilis hereditaria tardia*.

O seu auctor foi approvedo plenamente.

Harpa das selvas, livrinho de versos do Sr. Francisco Lins, eahido dos prelos de Juiz de Fóra.

O Sr. Lins começa agora, e, por isso, são desculpaveis os defeitos que exhibe.

Trabalho, persevere, e muito poderá fazer.

A *Harpa* é prefaciada pelo Sr. Dr. Valentin Magalhães.

Veio disopillante o ultimo numero da *Revista Illustrada*.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentin Magalhães é eucontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Hospicio 102.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

DERBY-CLUB

GRANDE PREMIO

INITIUM

A REALIZAR-SE NO DIA 27 DE MAIO DE 1888

NS.	NOMES	PELLO	FILIAÇÃO	PROPRIETARIO
1	Primadona.....	Alazão.....	Ernest e Pelluda.....	A. Pinheiro.
2	Tenorino.....	Idem.....	Idem.....	Idem idem.
3	Zig.....	Idem.....	Douro e Bella Alliança.....	Coudelaria Paulista.
4	Mouino.....	Douradilho.....	Bordor Minstral e Mulers Maid.....	J. G. Nogueira.
5	Jarreta.....	Idem.....	Janoit e Bolivia, meio-sangue.....	Idem idem.
6	Amburá.....	Zaino.....	Janoit e Gayvota.....	Idem idem.
7	Tramoya.....	Idem.....	Janoit e Gireanium.....	Luiz de Pontes.
8	Fálorá.....	Alazão.....	Fil d'Escosse e Dabora.....	E. A. Paes de Barros.
9	Fiesco.....	Idem.....	Damon e Geographia.....	Idem idem.
10	Corneville.....	Douradilho.....	Corneville e Fosca.....	Coudelaria Aranha.
11	Hebreu.....	Alazão.....	Idem e Mulata.....	Idem idem.
12	Gaullez.....	Idem.....	Idem e Venus.....	Idem idem.
13	Gioconda.....	Castanho.....	Boliver e Luiza Michel.....	Idem Alliança.
14	D. Quichote.....	Idem.....	Tagibb e Araponga.....	Idem Fluminense.
15	Derby.....	Idem.....	Goldmasper e Pelluda.....	Idem idem.
16	Medéa.....	Alazão.....	Sans Pareille e Moura.....	Idem idem.
17	Brazão.....	Douradilho.....	Idem idem e Bonita.....	Coronel Barros.
18	Pelicano.....	Idem.....	Idem idem e Frulanna.....	Idem idem.
19	Vivaz.....	Idem.....	Idem idem e Diana.....	M. U. Lemgruber.

GRANDE DERBY NACIONAL

A REALIZAR-SE

EM 15 DE JULHO DE 1888

NS.	NOMES	PELLO	FILIAÇÃO	PROPRIETARIO
1	Primadona.....	Alazão.....	Ernest e Pelluda.....	A. Pinheiro.
2	Tenorino.....	Idem.....	Idem idem.....	Idem.
3	Zig.....	Idem.....	Douro e Bella-Alliança.....	Coudelaria Paulista.
4	Menino.....	Douradilho.....	B. Ministre e M. Maid.....	J. G. Nogueira.
5	Gaullez.....	Alazão.....	Corneville e Venus.....	Coudelaria Aranha.
6	Hebreu.....	Idem.....	Idem e Mulata.....	Idem.
7	Corneville.....	Douradilho.....	Idem e Fosca.....	Idem.
8	Tramoya.....	Zaino.....	Janoit e Geramina.....	Luiz de Pontes.
9	Fiesco.....	Alazão.....	Damon e Geographia.....	R. A. P. de Barros.
10	Fedora.....	Idem.....	Fils d'Escosse e Dabora.....	Idem.
11	Gioconda.....	Castanho.....	Bollivar e Luiza Michel.....	Coudelaria Alliança.
12	D. Quichote.....	Idem.....	Tagibb e Araponga.....	Idem Fluminense.
13	Derby.....	Idem.....	Goldmasper e Pelluda.....	Idem.
14	Pelicano.....	Idem.....	Sans Pareille e Frulanna.....	M. U. Lemgruber.
15	Vivaz.....	Idem.....	Idem e Diana.....	Idem.

Rio de Janeiro, 29 de Fevereiro de 1888.

O 2º Secretario, MOREIRA SAMPAIO.

MACHINAS PARA ARROZ

DOS SYSTEMAS MAIS APERFEIÇADOS

Orçamentos, plantas e pessoal habilitado para dirigir as fabricas, fornecem

ARENS IRMÃOS

147 RUA DA QUITANDA 147

Rio de Janeiro e em Campinas

Remettem-se catalogos illustrados com descripções em portuguez

Dr. Ratisbona Filho—Advogado, rua da Quitanda n. 54.

Dr. Luiz Murat. — Advogado, rua da Quitanda n. 54.

Dr. Aristides Lobo—Advogado, rua dos Ourives n. 35.

Dr. João Ribeiro—Medico e especialista em molestias de criança e siphilis, rua de S. Amaro n. 18.

Os Engenheiros, Drs. Buarque de Macedo e Castro Maia, encarregam-se de trabalhos de construcção, estudos ou outro quaesquer mister de sua profissão. Rua do Hospicio n. 22.

Agrimensores.—Dois Agrimensores com grande pratica de trabalhos de Campo encarregam-se de qualquer serviço de sua profissão, tanto fora como dentro desta Corte. Informa-se na Semana.

Dr. Aristides Spinola—Advogado, rua do General Camara n. 36.

SEMENTES NOVAS

DE HORTALIÇA, FLORES E ETC.

NA

HORTULANEA

RUA DO OUVIDOR, 45

A NOIVA

RUA DOS CURIVES, 14
SALÃO

para pentear senhoras e cortar cabellos

PERFUMARIAS, MODAS E
NOVIDADES, NINICHES e FRISETS
Ultima novidade de 1\$ a 5\$

ABEL

Cabelleireiro e professor de penteados
RIO DE JANEIRO

FABRICA DE CHUMBO

Na rua do Hospicio n. 22. Vende-se qualquer quantidade de chumbo de caça, e recebe-se encomenda.

CERVEJA PELOTAS

DA FABRICA

DE

G. RITTER & IRMÃO

22 RUA NOVA DO OUVIDOR 22

LOTERIAS DA VICTORIA

PROVINCIA DO ESPIRITO SANTO

Concedidas em beneficio da Santa Casa da Misericordia e das sociedades Beneficente da Irmandade de S. Benedicto do Rosario e Auxiliadora

Auctorizadas pelas leis n. 65 de 20 de Dezembro de 1836 e n. 34 do anno passado

4.000 BILHETES

SOMENTE

divididos em terços de custo de 900 réis cada terço
Tem duas finaes, dando cada um 1\$000 o terço.

Distribue 882 premios reaes, correspondendo a 70 % do capital

Primeiro premio **3:003\$000** Primeiro premio

Tem uma fiança do valor dos premios em apolices da divida publica geral do Estado, depositada no thesouro provincial.

As extracções são semanaes e brevemente se marcará o dia da primeira

Telegrammas duas horas depois da extracção

Os portadores de bilhetes premiados que quizerem receber-os na corte queiram dirigir-se á **Rua do Ouvidor n. 51 1º andar**, para onde poderão dirigir, por carta, ao abaixo assignado, suas encomendas.

Por procuração do thesoureiro e concessionario,

Manoel do Couto Teixeira

VICTORIA

A PAULICÉA

**BRILHANTE INAUGURAÇÃO
NO DIA 1º DE MARÇO**

Reabriu-se este estabelecimento com um grande e variado sortimento de FAZENDAS, MODAS, ARMARINHO, FANTASIAS E PERFUMARIAS, o que ha de mais mederno e chic, recebido directamente das FABRICAS DA EUROPA, e os proprietarios da PAULICEA venderão todos os artigos existentes no mesmo estabelecimento, por conta das mesmas fabricas com uma pequena commissão; é a primeira casa neste genero até hoje conhecida, para isso verão as Exmas. familias a differença de preços que faz das grandes liquidacções que constantemente se fazem nesta corte.

Completo sortimento de artigos para homons.

Por absoluta falta de tempo não nos foi possivel promptificar para hjje o annuncio que deve mostrar o grande sortimento sem igual desta casa, o que faremos no proximo sabbado por esta folha.

Os proprietarios, **CORRÊA & FREITAS**
SUCESSORES DE J. M. CORRÊA

A PAULICÉA

2 LARGO DE S. FRANCISCO DE PAULA 2

RIO DE JANEIRO

A PAULICÉA

REABRIR-SE NO DIA 1º DE MARÇO

A PAULICÉA

REABRIR-SE NO DIA 1º DE MARÇO